



4337 - Trabalho Completo - XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd (2018)  
GT10 - Alfabetização, Leitura e Escrita

**PRÁTICAS E MATERIAIS DE LEITURA NA INFÂNCIA DOS(AS) FILHOS (AS) MAIS VELHOS(AS) DE UMA GRANDE FAMÍLIA DE MEIOS POPULARES**

Fabiana Cristina da Silva - UFRPE - UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

Andrea Tereza Brito Ferreira - UNIVERSIDADE FEDERAL PE

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

Este trabalho tem como objetivo analisar práticas de leitura vivenciadas durante a infância dos(as) filhos(as) mais velhos(as) de uma família de meio popular, cujo os pais possuem baixa escolarização e os(as) filhos(as) alcançaram uma longevidade escolar. Tomamos como base, estudos sobre leitura como Mortatti (2000), Galvão (2001). Realizamos entrevistas com uma família de meio popular, na qual o pai sabia ler e escrever e a mãe era analfabeta, contudo, onze dos doze filhos (as) concluíram o Ensino Superior. Nesse texto analisaremos a infância desse grupo de irmãos. Ao longo da infância, as práticas de leitura familiar estiveram, em sua grande maioria, estritamente relacionadas ao universo escolar. Os livros didáticos eram os únicos materiais que tinham acesso. Entendemos que nessa fase as práticas de leitura tiveram como objetivos desenvolver o processo de alfabetização. Concluímos que as práticas de leitura dessa família era uma reprodução das práticas escolares de leitura da escola já que inicialmente não havia o hábito de leitura por deleite em casa. Todavia, os irmãos mais velhos foram os grandes influenciadores dos mais novos. Eles montaram uma rede de sustentabilidade em prol da escolarização dos irmãos e também de promoção da leitura.

**PRÁTICAS E MATERIAIS DE LEITURA NA INFÂNCIA DOS(AS) FILHOS (AS) MAIS VELHOS(AS) DE UMA GRANDE FAMÍLIA DE MEIOS POPULARES**

**1 INTRODUÇÃO**

Este trabalho busca analisar práticas de leitura vivenciadas durante a infância dos(as) filhos(as) mais velhos(as) de uma família de meio popular, cujo os pais possuem baixa escolarização e os(as) filhos(as) alcançaram uma longevidade escolar. Quais materiais de leitura eram utilizados nessa família? O que se lia? Como se lia? Qual era a participação dos pais e dos(as) filhos(as) nesse processo?

Nos estudos sobre as práticas de leitura e escrita na atualidade e as pesquisas em larga escala sobre índices de analfabetismo e escolarização da população vêm apontando algumas alterações nos últimos anos. Elas têm se aproximado da organização familiar e do papel ocupado pelos seus sujeitos também fora do universo escolar. Nessa perspectiva, analisaremos uma família leitora, ao entendermos que o processo de escolarização longo, de sucesso, não se realiza sem o desenvolvimento de práticas singulares de leitura, dentro e fora da escola.

Neste artigo abordaremos as práticas de leitura de uma família composta por pai, mãe e doze filhos. Os (as) filhos(as) iniciaram a escolarização entre as décadas de 1940 a 1960. O pai, concluiu a 1ª série do curso primário, conseguia ler e escrever. Tornou-se funcionário público e trabalhou uma parte de sua vida em construção de estradas. A mãe é analfabeta, não frequentou por muito tempo a escola, mas aprendeu a ler na velhice com o auxílio da Bíblia. Dividia as atividades domésticas com o trabalho informal de costureira. A família é natural da cidade de Piancó interior do Estado da Paraíba e por volta da década de 1970 mudou-se para Petrolina, cidade do Sertão Médio do São Francisco, localizada no interior do Estado de Pernambuco, onde vivem atualmente. Dos doze filhos, 11 (onze) concluíram o ensino superior e apenas 1 (um) concluiu o curso técnico depois de adulto. Desses 11 (onze), 1 (uma) é especialista, 1 (um) é mestre e 2 (dois) são doutores, conforme tabela a seguir:

	Ano e cidade de nascimento	ESCOLARIDADE
Pai	Piancó PB	Primário incompleto- 1º série
	1921	
Mãe	Piancó PB	Analfabeta
	1928	
POSIÇÃO NA PATRIA	Ano e cidade de nascimento	ESCOLARIDADE
Filha 1	Piancó PB	Graduação em Língua Portuguesa
	1946	
Filho 2	Piancó PB	Graduação em Engenharia Mecânica
	1948	

Filha 3	Piancó PB 1951	Graduação em História Graduação em Pedagogia
Filha 4	Piancó PB 1953	Especialização Programação de Ensino em Pedagogia Mestrado em Educação
Filho 5	1955	Doutorado Engenharia Graduação em Enfermagem
Filha 6	1958	Especialização em Saúde Pública
Filha 7	1962	Graduação em Geografia
Filho 8	Década de 60	Graduação em Engenharia Mecânica
Filho 9	1965	Mestrado em Física
Filho 10	1966	Técnico em eletricidade
Filha 11	Década de 70	Graduação em Pedagogia
Filha 12	Década de 70	Graduação em Biologia

Por se tratar de uma família grande, com muitos filhos que viveram diferentes experiências, consideramos que a mesma possui gerações ou grupos de irmãos em períodos históricos e sociais diferenciadas. Desse modo nesse texto apresentaremos os dados referentes aos filhos mais velhos, nascidos da década de 1940 até o início de 1950.

## 2. DESENVOLVIMENTO

Nesse grupo de irmão (Filha 1, Filho 2, Filha 3 e Filha 4) todos nasceram em Piancó, interior da Paraíba e tem suas trajetórias escolares realizadas quase que integralmente em instituições públicas.

As práticas e os materiais de leitura que esse grupo de irmãos tiveram acesso se modificaram em momentos distintos de suas vidas. Na infância, momento focalizado neste texto, as histórias das práticas de leitura desse grupo de irmãos foram muito parecidas, eles nasceram, viveram e estudaram nas mesmas cidades, tiveram experiências bem parecidas, pela proximidade de idade.

Em relação aos materiais de leitura que eles tiveram acesso, ainda que de forma muito restrita e com bastante dificuldades, a quase que exclusivamente a materiais escolares, ou seja, os livros didáticos: *“É. Só os nossos livros. Só livros de escola, não tinha outrô.”* (FILHA 1)

É importante destacar que já no início da infância do filho 2, que era um dos mais velhos, nem livro existia, ele lembra que aprendeu a ler e a escrever na escola pois em casa: *“[...] não tinha como aprender não, não tinha papel”*. (FILHO 2). Assim como Filha 3 afirma que: *“A gente num tinha não. Num tinha nada não”*. (FILHA 3). Com a formação inicial dos dois irmãos mais velhos esses materiais foram sendo adquiridos e repassados para os irmãos mais novos.

Na infância desse primeiro grupo de filhos e filhas a casa não era o principal espaço de leitura e sim a escola. Como destaca a Filha 4, que durante a infância a família não conheceu uma biblioteca: *“Era. Eu tinha sete anos. A cidade não tinha biblioteca, não se falava nem de biblioteca. Pelo menos, na minha, no meu cotidiano, é social e de escola, não se falava de biblioteca”*. (FILHA 4).

Imaginamos que uma família pobre, nesse momento já com quatro filhos, com a mãe analfabeta e realizando diversas atividades para manter os filhos, a prática de ler em casa deveria se restringir a realização das tarefas escolares diante das atividades cotidianas que eram maiores. Mas sempre existiu a preocupação e o empenho dos pais, mais especificamente da mãe de comprar os livros e mantê-los na escola desde que eram pequenos: *“[...] Mamãe trabalhava muito pra que a gente, ela comprar os livros, mas ela num sabia ler, ela num tinha como ensinar a gente, né? Ela costurava muito pra gente ter farda, sapato. [...] Pra dar os livros a gente, essas coisas”*. (FILHA 3)

A cartilha toma um espaço importante nessa memória, quando percebemos que era um dos únicos livros de leitura que eles possuíam em casa, os títulos desses livros ficaram gravados na memória dos quatro irmãos: *“Ela fazia o que pudesse ou arranjava, dizia que não podia comprar, mas naquela época era cartilha do povo[...] A Sarita, aquele livro Nordeste”*. (FILHA 1).

*A gente tinha as cartilhas, né. E me lembro da cartilha que eu estudei que era a cartilha Upa Upa Cavalinho, não é. Era uma Cartilha verde e grande, mais ou menos assim [mostra a mão o tamanho] e era uma cartilha assim que tinha imagem que chamava a atenção da gente.* (FILHA 4)

É interessante destacar que a filha mais velha, talvez pela sua formação como professora de língua portuguesa é a que se recorda e nomeia mais os livros didáticos que eles tiveram acesso na infância e a Cartilha do Povo é a citada pelos três irmãos mais velhos. Possivelmente porque a Cartilha do Povo, escrita por Lourenço filho, foi uma obra bastante reconhecida e muito utilizada em todo o País. Teve sua primeira edição localizada por Mortatti (2000) em 1942 e até meados da década de 80, segundo a autora ainda poderia ser encontrada e utilizada. Assim como a cartilha Upa Upa Cavalinho, citada pela Filha 4. Além dessas duas cartilhas, eles também citaram: Sarita e o Livro Nordeste.

A leitura na escola ou em casa em relação a cartilha era uma leitura para decorar, memorizar os textos, lições e saber dizer “de cor”. Em casa, a filha 4 nos aponta uma prática de leitura que deveria ser bastante vivenciada em família. Apesar da referência dela ser a experiência vivida com um irmão mais novo, podemos inferir que em uma família grande, em que todos os filhos estavam na escola, práticas como essas deveriam ser comuns, entre os irmãos mais velhos e mais novos: um irmão, normalmente o mais velho, perguntava a lição para outro, que deveria dizer a lição completa de forma decorada:

*A leitura era essa de ler a cartilha, e eu dizer, e dizia decorado, e aí eu tinha meu irmão mais velho, mais novo, né, [...], era mais esperto, tinha memória bem melhor, memorizava melhor aí, então, ele era o o(pausa) Era o sábio, né.[...] Não, eram meus irmãos mais velhos perguntando, né. Então, ele dizia a cartilha toda, toda decorada, mas ele era considerado o sábio. E isso me inferiorizava, né, quando ele, ele, chegava, porque ele era muito esperto, chegava e falava tudo. E eu sou lenta mesmo, aí eu pensava primeiro para poder dizer, e não tinha aprendido, aí não dizia, aí eu era considerada (pausa) é é não muito boa, para a leitura.* (FILHA 4)

Ser um bom leitor, dentro dessa concepção, era saber decorada toda a lição de forma rápida. Isso, como podemos observar, gerou na Filha 4 uma compreensão de que ela não era uma “boa leitora”, ela lia com pouca fluidez e velocidade. Ela e o irmão por ter idades próximas e por vivenciarem o processo escolar juntos, vão aparecer ao longo de seus depoimentos muitas citações em relação as competições e também as parcerias entre ambos.

As comparações entre os filhos aparecem nos depoimentos da Filha 4 como algo realizado por sua mãe, tanto em relação a leitura quanto ao desenvolvimento dos filhos na escola, inclusive, segundo o depoimento a seguir, essas comparações eram um dos motivos que a fazia preferir estudar sozinha, sem a ajuda dos irmãos. Mesmo assim, a filha mais velha, se recorda que era muito comum os mais velhos como ela e o Filho 2 orientar as atividades escolares dos mais novos e nesse processo se incluía a leitura: *"Estudava a noite, estudava, eu estudava e eles também, os pequenos também a gente orientava nas tarefas"*. (FILHA 1)

Todos estudavam, quase sempre a noite, provavelmente porque as atividades domésticas diárias já tinham sido realizadas

Ainda na infância, mas já passando da cartilha as leituras continuavam a ser escolares e a filha 4 já destaca que gostava mais de algumas disciplinas e que não tinha mais dificuldade de entender, passou a realizar as atividades e decorar os textos com mais rapidez:

*Hum? Eu gostava de língua portuguesa e história, de português porque eu eu não tinha dificuldade do entendimento, então eu conseguia é desenvolver minhas atividades (pausa) com rapidez, né. História porque eu conseguia é memorizar, porquê na verdade a gente memorizava e os fatos apresentados pela professora também me interessava, e, eu gostava de aprender os fatos.* (FILHA 4)

O único material de leitura diferente dos livros didáticos que aparece nos depoimentos, durante a infância é a literatura de cordel que, de acordo com Galvão (2001) é uma experiência cultural de muito importante:

*[...]. Quando eu era pequeno, eu gostava de ler literatura de cordel. [...] Quando eu tinha mais ou menos por aí dez a doze anos por aí, eu gostava de ler literatura de cordel. [...] Era barato demais na rua! Eu ficava horas com aqueles caras com aqueles versos nananã nananã nananã [...] História de João de não sei do que, do pavão misterioso, briga do gato com o rato, a morte do homem que matou a mulher por causa de uma banana.* (FILHO 2)

Um aspecto importante em relação aos livros na infância dessa família são os "gestos" familiares que acreditamos interferir no processo de formação desses filhos e filhas como estudantes e como leitores. A Filha 4 se recorda que em sua casa todos tinham livros, pois era uma prioridade para os seus pais:

*Hum? Todos na minha casa tinham farda, todos tinham livros, porque uma das coisas que sempre (...). Meus pais priorizavam foi a questão dos livros. Então, quando eu cheguei aqui no ginásio eu tinha todos os meus livros. Todos comprados pelo meu pai. [...] Não, os livros eram eram (...). Quer dizer, para o que você ganhava eram livros caros. [...] É, mas, tinha (...) Os não livros eram descartáveis. O que comprava pra um, aí ele não era reprovado e os livros iam passando.* (FILHA 4)

O livro era um objeto caro e raro, tratado com bastante cuidado, era passado de um irmão para o outro, já que não havia atualizações como hoje, ele não era descartável e o zelo e o cuidado com esse tipo de material revelava a importância atribuída pela família, como destaca a Filha 3:

*Os livros lá de casa era assim, passava de um pra outro. Quando um terminava, aquele outro ia chegando lá e passava pro outro. Aí aquele outro já ia se aproximando, passava pro outro. E, a gente tinha que zelar os livros, né? Naquele tempo a gente tinha que ter muito zelo pelos livros.* (FILHA 3)

O Filho 2 é reconhecido na família, por sua paixão e empenho em comprar livros para si e para os outros em várias fases de sua vida: *"Comprava, comprava livro, era, fui do tipo do cara que, uma vez minha irmã ficou chorando em casa porque eu fui fazer a feira e peguei o dinheiro da feira e comprei de livros (risos). [...] Mas, sempre tinha livros, sempre tinha"*. (FILHO 2).

Além de gostar muito de ler, ele é lembrado como aquele que incentiva muito a leitura e presenteava constantemente a família com materiais diversos de leitura: *"Porque ele era obcecado por leitura e queria que todo mundo gostasse igual a ele"* (FILHA 3)

É importante destacar que o livro, no período de formação dos filhos e filhas dessa família, era um objeto raro, caro, de pouco ou nenhum acesso para os meios populares. Sem televisão ou outro meio de entretenimento, esses materiais de leitura eram lidos e relidos pelos irmãos e nos relatos a chegada dos livros que o Filho 2 comprava era um momento de bastante alegria.

### 3 CONCLUSÕES

Nesse grupo dos filhos e filhas mais velhos que vivenciaram todas as dificuldades de caráter financeiro e cultural da família, é compreensível que sendo os "precursores" de uma trajetória de longevidade e sucesso escolar as práticas de leitura ainda se faziam presentes de forma limitada e relacionadas às práticas escolares. Os livros didáticos e outros materiais do universo escolar (enciclopédias, dicionários) foram os mais presentes na memória desses indivíduos e os únicos existentes em sua casa. O Filho 2 era a figura central em relação ao acesso e as práticas de leitura e escrita. Mas também reafirmamos a importância da escola e de seus agentes mediadores (professoras, bibliotecárias, colegas de turma) para a inserção desses filhos e filhas em práticas de leituras

Um outro dado importante é observar as especificidades no mesmo grupo, entre os mais velhos a Filha 1 e o Filho 2, como os primeiros na família a terem acesso à escola, traçaram uma trajetória com mais dificuldades financeiras. Em relação à posse dos livros, ambos construíram uma "rede" externa à família de apoio.

Em relação às formas de ler, ou seja, as práticas de leitura dessa família, percebemos que era uma reprodução das práticas escolares de leitura da escola já que inicialmente não havia o hábito de leitura por deleite em casa. Todavia, os irmãos mais velhos foram os grandes influenciadores dos mais novos. Eles montaram uma rede de sustentabilidade em prol da escolarização dos irmãos e também de promoção da leitura.

### 4. REFERÊNCIAS

GALVÃO, A. M. de O. *Cordel leitores e ouvintes*. Belo Horizonte: Autêntica: 2001.

MORTATTI, M. de R. L. *Os sentidos da alfabetização*. São Paulo: editora UNESP: 2000